

## Seria o espaço mera forma da sensibilidade? A alternativa fanática à alternativa negligenciada

**Pedro Ferreira Pedalini Pires**

Doutorando em Filosofia no PPGLM da UFRJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/0941053009519125>

ppedalini@gmail.com

84

Em sua *Estética Transcendental*, Kant famosamente argumenta que o espaço é mera forma da sensibilidade. Podemos dividir seu argumento em três pontos. Primeiro, que o espaço não pode ter sido abstraído da experiência empírica e é, portanto, um dado *a priori*. Segundo, que tal dado *a priori* não pode ser um conceito, mas apenas uma intuição. Terceiro, e aqui jaz o problema, que é uma mera intuição subjetiva: apenas uma intuição da forma que sujeitos finitos organizam sua experiência sensível.

Após uma breve exposição do argumento kantiano, apresentaremos sua primeira e mais notável objeção. A assim chamada “alternativa negligenciada” tem sua origem no ensaio de F. A. Trendelenburg, intitulado *Über eine Lücke in Kants Beweis von der ausschließenden Subjectivität des Raumes und der Zeit*. Trendelenburg aceita a prova kantiana de que o espaço é uma intuição subjetiva *a priori*, mas rejeita a conclusão de que seja apenas uma intuição subjetiva *a priori*. Para Trendelenburg, ainda seria possível argumentar que o espaço é, conjuntamente, uma forma *a priori* da sensibilidade e uma característica inerente aos objetos “tomados por si mesmos”.

Em seguida, apresentaremos uma segunda objeção, que a literatura secundária ainda não deu a devida atenção. Se a alternativa negligenciada de Trendelenburg consiste em argumentar que o espaço pode ser tanto subjetivo quanto objetivo, o que denominaremos de “alternativa fanática” (R. 6050) consistirá em argumentar que o espaço pode não ser *nem* subjetivo *nem* objetivo. Mesmo a posição de Trendelenburg concede que a *Estética* é ao menos bem sucedida em argumentar que o espaço é também subjetivo. Minha posição, no entanto, buscará se opor a tal concessão. Aquilo que Kant denomina de “fanatismo filosófico” é a posição de que intuímos diretamente as ideias de Deus. Utilizando as reflexões de Malebranche em seus *Diálogos* como caso

paradigmático de fanatismo filosófico, argumentaremos que a Estética Transcendental, apesar de seu sucesso em estabelecer que o espaço é uma intuição *a priori*, não é bem-sucedida em argumentar que o espaço é uma intuição *subjética*.

Por fim, faremos um balanço geral das três possíveis posições. A estratégia aqui será a de defender Kant contra Trendelenburg, na medida em que não podemos fazer qualquer afirmação sobre a suposta objetividade do espaço, mas também defender Malebranche contra Kant, na medida em que temos fortes motivos para acreditar que a intuição do espaço não é essencialmente subjética.

**Palavras-chave:** Kant. Malebranche. Trendelenburg. Filosofia Moderna. Metafísica. Espaço.

### Bibliografia

KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Tradução: Werner S. Pluhar. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1996.

\_\_\_\_\_. *Notes and Fragments*. Tradução: Curtis Bower & Paul Guyer & Frederick Rauscher. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

MALEBRANCHE, N. Jolley, *Dialogues on Metaphysics and on Religion* Tradução: Nicholas Jolley & David Scott. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TRENDELENBURG, F. A. Über eine Lücke in Kants Beweis von der ausschließenden Subjectivität des Raumes und der Zeit. In: *Historische Beiträge zur Philosophie* vol. 3. Berlin: G. Bethge, 1867.